

pla concepção do mundo, do homem e de Deus, ou se os modernos, com sua estreita fixação pelo conhecimento tecnológico e sua aberrante valorização dos instintos.

E, no caso dos encantamentos, nunca seria demais lembrar o poder da palavra, principalmente quando pronunciada com a correta entonação e no momento adequado; nunca demais lembrar o poder criador do verbo, tantas vezes referido nas sagradas escrituras dos mais distintos povos; e nunca demais lembrar que, no Egito, a ciência e a religião estavam intimamente relacionadas, e que os médicos eram também sacerdotes que não se pretendiam autores dos encantamentos, preparações medicamentosas e outras técnicas curativas: eles apenas os aprendiam nas chamadas "Casas da Vida", os templos-universidades legados pelo deus Thot, o mensageiro dos deuses, encarregado de proteger a humanidade, a quem alude o papiro de Ebers: *Eu saí de Heliópolis com os Grandes dos templos, os que possuem proteção, os senhores da eternidade... Eu pertenço a Rá. Ele disse: "serei eu quem protegerá o doente de seus inimigos. Thot será o seu guia, o que fará falar as escrituras e é autor das fórmulas; dará habilidade aos sábios e aos médicos-mágicos, seus discípulos, para curar da doença aqueles que Deus deseja manter vivos"*.

Isto poderá parecer absurdo somente para aqueles que se aferram às suas convicções materialistas porque têm medo de se lançar ao estudo do desconhecido. Mas não assim para os que acreditam, ou melhor, constataam dia a dia a existência de leis naturais inexplicáveis para o homem comum, e que acreditam também que, em outras épocas, em outras culturas, o conhecimento dessas leis naturais deu ensejo ao surgimento de uma verdadeira medicina sagrada, de uma verdadeira ciência sagrada: sagrada no sentido de possibilitar a harmonia entre o interno e o externo, entre o microcosmos e o macrocosmos, entre o Homem e o Universo.

Nesse sentido, tudo no Egito era sagrado. Talvez nenhuma civilização tenha buscado tanto essa harmonia. Talvez nenhuma civilização tenha mostrado tanto ao ser humano a sua própria grandeza, indicando-lhe, ao mesmo tempo, a adequada dimensão, o justo limite de sua atuação dentro do vasto universo de Deus.



Bibliografia: Claudine Brelet-Rueff — *As Medicinas Tradicionais Sagradas*: Edições 70, Lisboa, 1978.
A. de Almeida Prado — *As Doenças Através dos Séculos*: Editora Anhembi, São Paulo, 1961.

Zildo Trajano

ASSIM DEUS FALOU AOS HOMENS



— Mario Ferreira dos Santos —

Já haviam despertado as trevas para os lados do nascente.

E despertei porque abri os olhos para a luz da manhã.

O silêncio dominava todas as coisas como se elas permanecessem ainda adormecidas.

Na paz do campo, deveria ferir os meus ouvidos a clarinada de um galho, e um canto de pássaros não me surpreenderia.

Surpreendia-me o silêncio; silêncio que me penetrava e me pesava nas pálpebras.

Acordei quando soaram as trombetas do Senhor. Uma brisa suave embalava todas as coisas e mansamente acariciava o meu corpo porque despertei sem sobressaltos.

Eu também ressuscitava, e vi.

E vi que o verde dos campos era mais aveludado. No céu, um azul muito lavado, longínquo, matizado de um leve cor de rosa, permitia aos meus olhos penetrarem distâncias sem fim.

Não era mais uma cúpula empoeirada de

luz, e tudo me parecia estranho; porque era tão diáfano, tão profundo, que não havia mais distâncias para os meus olhos.

Por que, por que era tão diferente o mundo?

É que já haviam soado as trombetas do Senhor.

E de todos os horizontes um rumor veio até mim. Eram vozes que entoavam hinos.

E cercavam-me milhões e milhões de seres como eu, e todos voltavam 'os olhos para aquela voz luminosa que atravessava todas as distâncias e' nos aproximava do infinito.

Nunca poderei descrever o que senti ante aquela imensa luz que escurecia a luz do sol. Senti invadir-me um frio agradável que não me enregelava.

E havia cores inéditas para os meus olhos. E ouvi um som maravilhoso, ante o qual, o que valeriam os sons harmoniosos de um nobre violino?

E não me sobressaltei, quando aquela luz imensa falou:

— Homem, chegou o tempo dos tempos, e estás nos umbrais da Eternidade. Eu sou a Eternidade . . .

Ante o Senhor, eu deveria ter caído de joelhos. Deveria, humilde, elevar até ele os braços, e pedir-lhe piedade.

Eu estava ali para ser julgado, pois soara o Juízo Final.

Mas o Senhor tornou a falar:

— Homem, não deves temer a Eternidade. Não quero de ti o gesto de quem pede. Nunca de teus lábios deveriam ter saído as palavras que pedem, nem os lamentos dos queixosos da vida.

Se, em vez de pedir, tivesses tomado da vida o que precisavas, não 'estarias agora tremendo na minha presença.

O meu interrogatório será breve e rápida a minha sentença. Em ti eu julgarei todos os teus semelhantes.

Por que não acreditaste na minha verdade?

Não acreditaste por ser simples e clara! Sempre temeste a simplicidade, e a minha verdade era a simplicidade . . .

Não sentiste a suavidade do verão percorrer a tua pele? Não sentiste em tua alma as folhas secas que caem no outono? Não sentiste nas 'tuas carnes os frios do inverno?

Não reverdeceste com o mundo nas promessas da primavera?

Tinhas, na alma, todas as almas do mundo. Se tudo isso tivesses compreendido, terias vencido a morte! E por que não o compreendeste?

— Senhor . . .

— Não precisas responder. Eu sei a tua resposta. Ouve-me: Disseste um dia que os fenômenos no mundo se processava de

acordo com as leis 'da natureza. E estavas com a verdade. E por que não concordaste que havia uma ética na natureza, cujos fenômenos observam a regularidade de certas leis? . . . Por que criaste uma ética que negava a natureza? Ouve! Os poderosos chamaram bons aos poderosos; os humildes, aos humildes; os 'corajosos, aos corajosos; e os fracos, aos fracos. Todos os teus semelhantes se consideravam bons. E por que não foram bons?

Quando impotente, inventaste a complacência; quando te abaixavas, 'cheio de temor, chamaste humildade; quando te sujeitavas ao forte, a quem temias, chamavas obediência; como não podias vencê-lo, falavas em 'perdão.

Por que usaste do meu nome para justificar as tuas fraquezas?

Só por temeres os fortes aceitaste o amor ao próximo.

Quão poucas vezes conheceste o amor, porque ele muitas vezes era 'feito de medo. Mas outros nomes deste aos teus sentimentos, mascarando-os, para que os poderosos não compreendessem o teu ódio.

Fizeste do mundo um cárcere, e inventaste filosofias de carcereiro.

Não disseste muitas vezes que a vida não merecia ser vivida?

E por que? Porque te acovardavas ante a existência.

Por que criaste uma moral de vencido? Por que, em vez de construíres o teu mundo, viveste a imaginar outros que julgavas melhores?

— Senhor, tu és absoluto e podes compreender o porquê da minha fraqueza . . .

— É por isso que te falo. E ouve: detesta os que conduzem e os que seguem. É mister que inspires a ti mesmo a grande emoção capaz de inspirar os outros. É uma traição a ti mesmo queres conduzir o teu próprio eu. Deves conquistar-te pela tua própria fascinação.

Afirma-te pela natureza. E, se assim o fizeres, os teus olhos verão 'melhor, e ouvirão os teus ouvidos além dos teus ouvidos.

Procura na natureza as regras para a tua vida. não destruas a ti 'próprio ao te encadeares nas algemas que criaste.

Chegaste agora aos umbrais da Eternidade.

Ouve!:

Foi o teu medo que criou a imagem que de mim fizeste.

Os teus filósofos descreveram-me como um monstro de sabedoria; os 'teus ascetas, como um infinito de ascetismo; os teus poetas, como o mais lírico dos poetas, os teus fracos, como o extemo da complacência.

Em mim espelhaste sempre as tuas ausên-

cias desejadas.

No entanto, na vida com que animei o teu corpo, estava escrito o 'meu caminho. Só ele poderia levar-te até mim.

Mas outros caminhos preferiste buscar. Procuraste engrandecer a tua pequenez, e a atribuíste a mim. E porque era mesquinha a tua interpretação, acusaste-me dos teus erros e procuraste destruir-me.

Vou expor-te a imagem que tu, de mim, uma dia fizeste. Segundo a tua interpretação, eu percorri sozinho a imensidade do infinito, através do infinito do tempo. Ninguém me acompanhava nessa peregrinação eterna. Sozinho, buscava através da imensidão de mim mesmo, e da minha obra.

O teu aplauso chegava até mim tão ínfimo como se areias do deserto 'aplaudissem a arquitetura de tuas cidades. Sabes acaso o que sofre um 'ser que não recebe o aplauso de alguém que a ele se assemelhe? E tu, homem, tu que te queixas da tua infelicidade, podes encontrar o aplauso dos teus semelhantes.

Vives ombreado com teus pares. para a tua vida, para chorar as 'tuas lágrimas, para rir contigo as tuas alegrias, para sofrer, compartilhando a tua dor, tens a companhia que eu te dei.

E eu, eternamente sozinho por entre a imensidão de mim mesmo, estou só na minha glória.

Não há para mim montanhas que atravessar, rios que vadear, sombras 'que iluminar, mistérios que decifrar.

Não preciso conhecer a fruição das descobertas, o sacrifício agridoce dos que perdem as noites no estudo em busca do conhecimento, porque 'sou Deus, e conheço tudo, e as trevas, para mim, são luz; e as montanhas 'são rugas do meu caminho, e os rios, veios mesquinhos que nada significam.

Tu proclamas o meu poder absoluto. Tu o declaras por teus sábios e 'pelos teus filósofos, e, no entanto, queres fazer-me limitado na minha 'grandeza.

Nunca compreendeste o meu amor, como se apenas pudesse amar um ser 'infinito como eu. Querias que eu permanecesse eternamente na contemplação de mim mesmo, e a embriagar-me da minha própria contemplação e no amor do meu próprio amor. É que te afastavas de mim com o coração, e pensavas que era eu que me afastava de ti.

Quando criaste regimes autocráticos, me descreveste como um autocrata; quando construístes regimes democráticos, fizeste-me um Deus bondoso; quando guerreiro e odioso, fizeste-me um Deus odioso e guerreiro. construístes a minha imagem à tua imagem, assim como outras vezes julgaste

'que a tua era a minha imagem. Querias fazer de mim um impotente ao afirmar que eu não podia fazer o mal nem o nada, como se não fosse o mal e o nada obras da impotência e não do poder absoluto. Unilateral sempre em 'tuas concepções, nunca te foi possível compreender os matizes dos meus 'atributos.

Não precisavas ser um deus para entendê-los. Tu, relativo e condicionado, querias ser a imagem do absoluto e do infinito. Desejavas, assim, iludir a tua limitação, insinuando a ti mesmo, às tuas intuições, à tua razão, para que se voltasse contra ti, contra tua condicionalidade, 'que eras um deus, mas desterrado. Criaste a lenda de Pigmalião para atirar sobre a divindade a infâmia de uma dúvida.

Tu me ofendeste com a imagem que de mim criaste. Foste sempre a medida de todas as tuas coisas.

Mas há em teu orgulho algumas coisa de heróico, quando, nesse orgulho, existe um desejo de me alcançar.

Admiro sempre aqueles que buscam elevar-se de seu ponto de partida. Mas sempre desprezei aqueles que estabelecem um estreito ponto de chegada.

Deves, homem, criar para ti um ponto de partida e nunca um ponto de chegada.

Faze de mim um ponto de chegada e faze de ti um ponto de partida. como homem, busca superar-te. Aqueles que te envenenaram com a loucura de 'atingir os fins, como se os fins existissem antes de mim, tornaram-te difícil a descoberta do caminho. Avança além de ti mesmo. a tua felicidade não é apenas o bem-estar, mas em sempre te aproximares de mim. e em cada instante do tempo, em cada uma das tuas vitórias, sentirás a felicidade da tua conquista.

Como queres achar-me, se tu ainda nem te encontraste?

Eu te ensino o novo caminho: eu sou a definitividade sem fim. Buscar-me é o teu caminho. eu estou em cada uma de tuas conquistas, e em cada uma das tuas vitórias, e estou contigo em cada uma das tuas supe-rações.

Em cada instante que venceres a ti mesmo, em cada momento que deres um passo à frente, estaras mais próximo de mim.

Estarei ao teu lado quando amares, para que a tua afeição seja 'mais profunda; estarei ao teu lado quando chorares, para que a tua dor não te desesperes. Tu me terás ao teu lado em cada uma das tuas vitórias, porque eu sou a tua vitória.

Busca-te que me acharás.

Ouve o meu novo sermão da Montanha:



1 – Um dia, os homens hão de amar novamente o Sol. Há homens que o odeiam, porque lhes anuncia o trabalho fatigante.

A noite, para eles, tem um gosto de libertação! Terrível espetáculo o de um mundo assim!

Quando os homens voltarem aos seus lares com o peito alevantado, o rosto modelado por um sorriso, hão de amar novamente o Sol . . .

2 – Não me afirmam os que me afirmam em palavras; nem me negam os que em palavras me negam.

Negam-me os que negam-me em atos, embora me afirmem em palavras.

Eu sou aquele pai que se ofende quando os filhos o renegam pelos atos.

3 – Tornaste o amor pecaminoso. Dei-te o amor, para que ele te embelezasse a vida. Dei-te o céu nas menores coisas e tu o desprezaste, porque ele vinha nas menores coisas. Dei-te o amor, junto à tua carne e junto ao teu espírito, para que suavizasse os teus instintos. tu o chamaste pecaminoso. Fizeste de mim um monstro assexual, para clamar contra a miséria do teu sexo. Em verdade, eu te digo: o amor dos sexos também é divino, quando une os homens além de si mesmos. O amor 'ergue-os e os une além do tempo. Nega-se a si próprio, e nega a mim, aquele que nega o sexo.

Em verdade te digo: só as almas superiores sabem amar, e bem-aventurados os que amam porque eles conhecerão o reino dos céus!

4 – Observa os teus semelhantes. São mais desembaraçados para amaldiçoar do que para agradecer. Quando amaldiçoam, as frases saem rápidas, vivas, fluentes.

Mas as palavras são difíceis, torcem as mãos, e humildes, como vencidos, baixam a cabeça, sorriem temerosos, entre a tristeza e a alegria, quando agradecem, revelando uma terrível luta interior . . .

5 – Já disse um dos teus:

“Não é o amor ao próximo que salva os náufragos, e sim a coragem!”

Que adiantaria o amor ao próximo de quem não pode tornar efetivo esse amor? Deves cultivar a coragem ante a dor, a coragem ante o sofrimento, a coragem ante a alegria, a coragem ante o prazer, a coragem, altiva e nobre, em cada um dos teus momentos.

Só depois aprenderás a amar o teu próximo.

Só os corajosos sabem dar. Não conhecem o sofrimento surdo de sua benevolência; pois o covarde, quando dá, procede por temor do castigo divino ou por temor dos outros homens, ou por astúcia, no intuito de receber uma paga maior que a dádiva. O corajoso dará sem temores.

E, em verdade te digo, bem-aventurados, os corajosos, porque deles será o reino dos céus!

6 – Cuida-te daqueles que olham a vida com um olhar de sono. Tu sempre dormirás bem quando fores tu mesmo. Quando nega-

res a ti mesmo, teu sono interrogar-te-á. As tuas angústias serão livres e não uivarão na tua alma. Mas para libertá-las, não taparás os ouvidos a fim de não ouvi-las, nem delas fugirás para fugires à presença que te desgosta.

Deves levantar-te com um sorriso, porque todo acordar é uma ressurreição.

Bem-aventurados os que sorriem, porque deles será o reino dos céus!

7 — Se na hora da fortuna esqueces os teus amigos, como queres que se lembrem de ti na hora da amargura?

8 — Aquele que deseja a felicidade sem o esforço, é como o que atira fora a noz porque dura é a casca...

9 — A mãe ama o filho porque sofre para lhe dar a vida e para conservá-la. Tudo quando facilmente obtens, tens perdido. As dores, as lágrimas, as dificuldades foram a medida de valor de todas as tuas coisas.

10 — Virtuoso não é o que faz o bem porque teme o castigo; virtuoso não é o que pratica o bem porque será premiado; virtuoso não é o que realiza o bem porque não tem propensão para o mal. Virtuoso é o tenaz, é o forte, é o que vence, é o que executa a sua vontade, é o que dirige os seus impulsos, é o que estabelece um ideal, e o busca.

É o delicado para com os fracos, enérgico para com os covardes, humilde para com as crianças, digno para consigo próprio.

11 — Homem, um dia cansaste de crer. Tantas foram as mentiras daqueles que falaram em meu nome, que fechaste os ouvidos a todas as vozes que anunciavam um "além de ti mesmo".

Mas quando sofres um desejo de um impossível; quando não consegues vencer a dificuldade que pensaste superar, quando uma insatisfação te oprime o peito e te arranca um suspiro, podes conformar-te com a tua morte. Podes ter um sorriso estóico e indiferente. Mas dentro de ti uma voz clamará, e precisarás amordaçá-la. E por que nesses momentos não interrogas a ti próprio, se existe em ti ou não, o que clama contra a falta, o que pede para vencer as tuas derrotas?

Não ouviste essa voz?

Sou eu, em ti, que falo, e por que não me queres ouvir?

12 — Como encontrarás o sobrenatural se tu nem sequer soubeste encontrar a natureza?

13 — Quantos atos de bondade deixarias de realizar se não tivessem testemunhas?

14 — Rebelam-se contra as regras os que não podem cumpri-las. A virtude só é grande quando difícil.

15 — Não conduzas e não serás condu-

zido.

Deves temer até conduzir a ti próprio. Perde-te em tua própria floresta para que te aches. E emprende tua busca como quem faz uma conquista.

Bem-aventurados os que conquistam a si mesmos, porque deles será o reino dos céus.

16 — O que recebe, louva sempre o desinteresse de quem dá.

Os que nada pedem á vida, os que não se queixam da vida, os que não se cansam de buscar, têm sempre um gesto desdenhoso quando acham, quando obtêm, quando sofrem.

Chamaste de verdadeiro tudo quanto te foi útil, tudo quanto correspondeu aos teus desejos. Ao vento que saculeja a árvore e atira ao chão a fruta madura, para que tu a apanhes sem esforço, chamaste de bom...

Não precisarei dizer mais para mostrar quão mesquinho é o teu conceito do verdadeiro, do bom, do útil?

17 — Se o mundo não for cada dia diferente é que tens a morte dentro de ti.

Bem-aventurados os que trazem dentro de si a vida, porque deles será o reino dos céus!

18 — A virtude dos pessegueiros são os pêssegos. A virtude dos mares o serem imensos; dos tigres, a crueldade; a astúcia, a das raposas. Só tu julgaste que a virtude não consistia em ser instintivamente humano!

Em verdade te digo:

Bem-aventurados os que não se negam, porque deles será o reino dos céus!

19 — Quão infeliz terias sido, se um dia eu te tirasse o esquecimento!

20 — Chamaste grandes aos que não pecam por temor do castigo, da consciência ou do remorso. Como chamarias àqueles que não pecam porque não querem?

Bem-aventurados os que não pecam porque não querem, porque deles será o reino dos céus!

21 — A rã não acredita num mais além dos horizontes...

Por que tu não vais acreditar num mais além dos teus horizontes?

22 — Tu agradeces à vida quando te fazem um bem? Então por que te queixas da vida quando te fazem um mal?

23 — Que seria de ti se não houvesse os que amam o perigo? Quem atravessaria os mares, as terras desconhecidas, quem galgaria os cumes das montanhas? Quem se aprofundaria nas entranhas da terra? Quem devassaria os espaços e quem penetraria nas selvas do conhecimento em busca de novas verdades?

Quem se entregaria ao afã das descobertas, no silêncio impregnado de mistério dos laboratórios, se não houvesse os que amam o perigo?

Em verdade te digo:

Bem-aventurados os que amam o perigo, porque deles será o reino dos céus!

24 — Benditos os miseráveis que guardam para si as suas misérias.

25 — Um olhar de eternidade, homem, é o de que careces para a altivez de teus olhos!

26 — A bondade manifesta-se no imprevisto da generosidade.

Só podem dar os que têm. E quem tem é mais do que si próprio. Deves por isso, amar o “além de ti mesmo”, para poderes conhecer a felicidade de quem dá.

Em verdade te digo:

Bem-aventurados os que vão além de si mesmos, por que deles será o reino dos céus!

27 — Não tenho virtudes, porque sou quem sou.

Virtuoso é só quem vence os seus defeitos, e eu não os tenho. É fácil ser bom quando a bondade é agradável, e eu não admiro os justos que não podem ser injustos.

Quero-te como és, mas vencedor de ti mesmo, porque em verdade te digo:

Bem-aventurados os vencedores, porque deles será o reino dos céus!

Enganam-se que servem os que sacrificam a vida para me servir; enganam-se que me amam, os que odeiam os outros para amar-me; enganam-se que me honram, os que buscam a solidão para me encontrarem...

Nunca pedi desses servidores, pois não seria Deus se deles carecesse.

Eu sou a Eternidade. Volta para junto de teus semelhantes e repete-lhes estas palavras que traduzi na imperfeição da tua língua: “Quiseste um mundo melhor do que aquele que te dei. Dizes saber como deveria ser esse mundo; proclamaste até que feito por ti, ele seria melhor.

Se sabes construir a felicidade, por que não a constróis?

Não conheces acaso as leis do teu mundo? Não dominaste as distâncias? Não acorrentaste o raio e tornaste inofensivo o trovão? Não soubeste arrancar do seio da terra o alimento para os teus? Não construístes cidades imensas de cimento e de aço? Não tiraste do âmago da terra a força que te poupa o esforço? Não aumentaste no decorrer de séculos o teu poder mil vezes mais? Por que não realizas o teu mundo? Por que não fazes a tua Terra Prometida em vez do “meu vale de lágrimas”? Não te consideras inteligente, poderoso, forte? Pois mostra a tua força, o teu poder, a tua inteligência.

É pelo menor esforço que desejas que eu, como um dos teus mágicos, transforme as coisas num golpe de mágica.

Queres ter à tua mão o fruto que não co-

lheste. Não, homem! Conquista por ti próprio o mundo que desejas. Dar-lhe-ás depois, quanto mais lágrimas e mais dor ele te exigir, mais valor pelo que te custou! Não destruirei a minha obra tornando a ti, poeira de uma poeira, maior do que mereces. Dei-te a inteligência para poderes vencer em tua luta. Que fizeste dela? Por que não a usaste para o bem? Cansaste agora de usufruir o teu poder, e como temes os mais fortes do que tu, pedes-me que os torne iguais a ti.

Se eu fizesse o mundo como desejas, sentir-te-ias mais infeliz do que és hoje, porque te cansarias logo da tua felicidade. Dize ainda aos teus semelhantes estas minhas últimas palavras:

Homem, voltarás a ser tu mesmo, e imprescindivelmente viverás a tua vida. E continuarás comendo o pão com o suor do teu rosto. O imensamente grande e o imensamente pequeno da tua vida tornarás a vivê-los.

Cada sofrimento e cada alegria tua hão de encher de lágrimas outra vez os teus olhos e fazer sofrer o teu peito e hão de outra vez desabrochar o sorriso do teu rosto e aprofundar a tua respiração. E, assim, imprescindivelmente... E terás outra vez o sol que admirarás e adorarás, porque ele carregará de frutos maduros as árvores que plantares, e de calor o teu corpo que tremerá nas noites frias. Outra vez a lua há de empalidecer nas noites escuras e sugerirá a eclosão dos teus sentimentos e dos teus afetos. Outra vez ouvirás o ritmo das horas que passam, marcando o teu tempo. E admirarás os campos soltos, as manhãs claras, cheias de luz e de vozes de pássaros, e terás as sugestões misteriosas que se esconderão nas sombras das noites sem luz, outra vez...

Homem, vive e compreende o teu destino. E verás, então, que, mais uma vez, há de desabrochar no teu rosto o sorriso da alegria que procuraras, e há de doer menos o teu peito.

Ouve: que o sofrimento não seja para sempre a tua preocupação. É mister que o vejas em função da tua alegria. Não rirá nunca o teu rosto antes que se tenha um dia retorcido pela dor.

Só poderás gozar a felicidade da incerteza quando compreenderes ser a dor a antecâmara da alegria. Ama a contradição de tua vida, porque ela afirma. Não modeles a tua existência na estreiteza dos sonhos da tua fantasia nem da tua realidade.

Nega os fatalismos para afirmar o teu querer. Lembra-te que há destinos que se forjam, como tu forjas as tuas espadas. Careces da consciência de tua força e não temas usá-la. Só assim te elevarás acima de ti.

Acreditaste no fim, porque viste o fim das coisas, e elas se transformam.

Acredita na tua eternidade, e já terás com isso conseguido superar um pouco a tua limitação.

Que as minhas palavras te sirvam para o futuro. Falei-te com a simplicidade de tua língua, e espero não mais ouvir as tuas queixas que aborrecem os meus celestiais ouvidos!

Todas as imagens que de mim criaste tornam-se ridículas e ofensivas. Não critiquei a tua maneira de me conceber. Não sou o Deus que exige a cada instante um sacrifício, que, a cada momento, quer os teus pensamentos voltados para mim. Não seria Deus se carecesse de sacrifícios para poder aplacar a minha ira, nem me ofendo por procurares descobrir quem sou. Em cada uma das tuas épocas terás de mim uma definição, e esta nunca há de te satisfazer. Mas ouve: precisamente por isso deves te alegrar.

Farás de mim tantas imagens quantos os teus instantes, na vida. Em vez de me definires, ensinar-te-ei a maneira de me encontrares. Busca-me . . . É nessa busca que me terás a teu lado. Quando me atingirás? Que te interessa saber o quando, se mal iniciaste a jornada? Põe-te a caminho. Realiza a ti mesmo, sempre além de ti mesmo. Com isto te aproximarás de mim. Eu estarei em todas as épocas, sempre distante eu serei o teu ideal. Em vez de procurares transformar-me em ti, homem, transforma-te em mim.

Não me definirás mais pelas tuas qualidades, mas procurarás a tua definição pelos meus atributos. É esse o caminho que indico, e que te levará até mim. Vai!



Mário Ferreira dos Santos
(Extraído do livro "Assim Deus Falou aos Homens"; Livraria e Editora Logos, São Paulo, 1959)

Aristocracia e Democracia

Jorge L. García Venturini

(dezembro/74)

Devido a alternativas semânticas sofridas no transcurso do tempo, estes vocábulos pareceram ter significados opostos. A participação de todos na coisa pública foi denominada *democracia* (embora, como forma de governo, o nome correto fosse *república*), e, como tal, se confrontava com a participação de apenas uns poucos, o que se denominava *aristocracia* ou, também, *oligarquia*, termos estes que se usam indistintamente, o que tampouco é correto. A democracia — em linguagem superficial e convencional — costuma assim representar o contrário da aristocracia. Isto porém, requer uma maior atenção, já que por trás de um falseamento semântico se esconde sempre um falseamento conceptual e entram em jogo princípios fundamentais.

Se por *aristocracia* entendemos uma classe social que por sua linhagem encontra-se investida de numerosos privilégios, entre eles o de governar, sendo estes

privilégios hereditários e inalteráveis, não importando quais sejam os verdadeiros valores éticos ou a efetiva capacidade para governar, é certo que a democracia (e a república) lhe são contrárias. Mas ocorre que *aristocracia* significa também e fundamentalmente "o governo dos melhores" (*áristos* significa, em grego, o melhor), e neste sentido a democracia não tem por que opor-se à aristocracia — a menos que se deseje algo que não se deveria desejar, ou seja, o governo dos piores. Não obstante, a incúria na linguagem, que nos faz dizer às vezes o que não queremos dizer, tem-nos levado com muita frequência a associar aristocracia com oligarquia, que não é o governo dos melhores mas o de uns poucos (e, segundo seu tradicional sentido, o governo "egoísta" desses poucos), fazendo confrontarem-se democracia e aristocracia, no elevado sentido deste termo.

É como a linguagem nos condiciona e